

# Derivas, resistências, artes no/ pelo Antropoceno. Apresentação

*Drifts, resistances, arts in/through the Anthropocene.  
Presentation*

10.47456/rf.v20i31.46852

**Paula Guerra**

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), Portugal)

Vivemos um processo trans global de instabilidade que afeta diversas áreas da vivência e da ação social e humana e não-humana. Assim, ao pensarmos numa dinâmica de desconstrução da época do Antropoceno estamos, na verdade, a favorecer um entendimento mais abrangente em torno de processos de (re)construção identitários individuais e coletivos, incluindo aspetos como o ecofeminismo, ecossistemas multidimensionais, migrações, colonialismo e pensamento decolonial, alterações climáticas, extrativismos, entre outros, circundando toda uma diversidade de dinâmicas que têm nas artes o seu foco de expressão mais perene e (re)fundador. As derivas e resistências artísticas no/pelo Antropoceno aqui apresentadas resultam da convergência, da comunicação e da troca nas áreas da sociologia, da antropologia, da economia da cultura, dos estudos culturais, dos estudos urbanos, da educação artística, das humanidades, da arquitetura, da história de arte, entre outras.

O conceito do Antropoceno descreve a época geológica em que a ação humana se tornou uma força geofísica dominante, provocando alterações no planeta em escalas que vão do local ao global (Artaxo, 2014). Esse processo leva-nos a um momento transglobal em que instabilidades se manifestam em diversas dimensões da vivência e da ação, tanto humana quanto não-humana. Assim, o Antropoceno, ao tornar evidente a escala de impacto da humanidade sobre o planeta, também expõe os desequilíbrios estruturais da sociedade, incentivando reflexões e movimentos em direção à desconstrução das lógicas que sustentaram a dominação e exploração ambiental e social. Essa desconstrução favorece novas formas de pensar identidades e relações de poder, em especial as ligadas a ecossistemas, migrações, colonialismo e pensamento decolonial, em áreas como o ecofeminismo, os estudos culturais e a arte. Aliás, este conceito tem sido amplamente discutido por autores como Donna Haraway (2016) e Bruno Latour (2017), que problematizam o impacto das ações humanas no planeta,

mas também convocam uma análise das desigualdades intrínsecas nesse impacto. Haraway, em *Staying with the Trouble* (2016), propõe o conceito de “cthulucene,” uma era alternativa que foca nas alianças e nos vínculos entre espécies, contrariando a lógica do Antropoceno, marcada pela dominação e exploração. Assim, o ecofeminismo surge não só como crítica, mas como um movimento que propõe novas formas de conexão entre o ser humano e o meio ambiente, enfatizando a importância de superar as dicotomias homem/natureza e dominação/sustentabilidade.

O ecofeminismo, por seu turno, oferece uma lente crítica essencial para entender a relação entre a exploração ambiental e as opressões de gênero. Carolyn Merchant (1980) e Vandana Shiva (1988) argumentam que a degradação da natureza está profundamente ligada a uma cultura patriarcal que também subjuga mulheres e minorias. Segundo essa visão, as práticas extrativistas e as desigualdades de gênero não são problemas isolados, mas sim interligados, demandando uma abordagem inclusiva e de justiça ambiental. Deste modo, quando pensamos em “ecossistemas multidimensionais”, consideramos não apenas a biodiversidade física, mas também as relações simbióticas entre diferentes agentes, humanos e não-humanos, ampliando a visão de sustentabilidade para incluir aspectos de justiça social e de bem-estar coletivo. Essa visão está alinhada com a teoria de Donna Haraway (2016) e seu conceito de *multispecies flourishing*, que promove uma convivência mais equilibrada entre espécies e uma conexão ética entre os seres, ao invés de uma visão de domínio da natureza. Então, para Haraway (2016), o Antropoceno convida a pensar numa “era de cuidados”, em que a sustentabilidade não é apenas ambiental, mas também social, promovendo um mundo mais inclusivo e diverso.

A par disso, o fenômeno das migrações globais, acentuado por questões como guerras, mudanças climáticas e crises econômicas, revela as consequências diretas das desigualdades globais e das crises ambientais no Antropoceno. Autores como Achille Mbembe (2018) trazem a importância da (re)construção identitária para os migrantes e minorias, defendendo que a identidade é um processo de constante negociação e adaptação a partir das circunstâncias históricas e sociais (Guerra, 2024). Neste interstício, a arte emerge como um campo de resistência e transformação social ao confrontar as dinâmicas exploratórias do Antropoceno e oferecer alternativas de percepção e convivência. Na teoria cultural e na sociologia da arte, como desenvolvidas por autores como Raymond Williams e Pierre Bourdieu, a arte é vista como uma prática social que não apenas reflete o mundo, mas também participa ativamente na sua transformação (Guerra, 2023). Artistas contemporâneos, ao explorarem temas de ecologia, migração e justiça social, criam espaços de diálogo que questionam o modelo hegemônico de desenvolvimento e oferecem novas possibilidades de existência.

No artigo “How we learn our names is written in the colour of the sky: personing

in the Capitalocene”, Michael B. MacDonald discute o conceito de Capitaloceno e propõe uma alternativa à compreensão dominante do Antropoceno, explorando como as identidades se formam e resistem nesse cenário de crise. A sua análise conecta-se com a ideia de que as artes atuam como meios de refazer e ressignificar essas identidades, reintroduzindo subjetividades que a narrativa capitalista global suprime. Já Paula Guerra, Jaqueline Torquato de Oliveira, Jovani Dala e Rosely Kumm, em “Quando a violência toca. A paisagem sonora na recepção da obra de arte,” exploram o papel da violência estrutural na experiência estética e na recepção artística. Este artigo ressoa com a proposta de Achille Mbembe (2018) sobre o necropoder, onde a violência se estende até à estética, modelando inclusive a maneira como os sons e as paisagens são interpretados. Nesse sentido, a arte torna-se um espaço de confronto com os ecos de violência presentes nas hierarquias ambientais e coloniais do Antropoceno.

A luta por representação e igualdade no contexto do Antropoceno também abarca a questão de gênero. Em “In Focus: Capturing female rock photojournalists trailblazing attitudes on gender and stereotypes (1970-1980s),” Angels Bronsoms investiga como fotógrafas pioneiras desafiaram os estereótipos de gênero nas décadas de 1970 e 1980, subvertendo normas de masculinidade na cobertura jornalística musical. A resistência de gênero e a articulação de novas subjetividades nas artes oferecem aqui um importante paralelo para entender como os papéis de gênero também são questionados nas esferas culturais e sociais do Antropoceno.

Olga Kempinska, em “Moda na poesia. Os usos do fictício e da alteridade,” explora o papel da moda como um espaço de expressão poética e de alteridade. Através da fusão entre moda e poesia, Kempinska destaca a construção de identidades múltiplas e heterogêneas, abrindo espaço para uma estética do Antropoceno que privilegia a diferença e a multiplicidade. Paralelamente, a convergência entre corpo e território no Sul Global, tema que conecta arte, geografia e identidade, é explorada por Sofia Sousa, em “A deriva de Rubiane Maia entre o corpo-território no Sul Global.” Aqui, a corporalidade torna-se uma forma de resistência territorial e cultural, uma “(re)existência” que enfatiza o corpo como um território de luta e transformação em contextos pós-coloniais, onde as experiências vividas no corpo são diretamente moldadas pelas desigualdades globais do Antropoceno.

Rosana Paste, em “A (re)existência tapuia: somos goitacazes, botocudos, aymorés e puris,” explora o tema da resistência indígena no Brasil, enfocando a ressignificação de identidades indígenas no Antropoceno. A sobrevivência e resistência cultural desses grupos sublinha a crítica ao conceito de Antropoceno como estrutura normativa e dominante, revelando outras formas de coexistência que valorizam a diversidade e os saberes ancestrais. Por seu turno, no artigo “Dissidentes Ressoantes: o graffiti em manifestações políticas,” Penha de Fátima da Cruz de Souza e Cláudia Maria França da Silva discutem o papel do graffiti

como uma manifestação de resistência urbana e política. Este tipo de arte pública cria espaços de contestação, democratizando o acesso ao discurso visual e rompendo as barreiras entre o centro e a periferia nas cidades do Antropoceno, onde os espaços públicos são cada vez mais privatizados.

Lucas Murari, em “Recife Frio: o Antropoceno à luz de um filme brasileiro contemporâneo,” utiliza o filme Recife Frio para discutir as implicações climáticas do Antropoceno no contexto urbano brasileiro. Ao explorar a distopia do clima em uma cidade tropical, Murari revela as desigualdades e os desafios impostos às populações vulneráveis, destacando o papel da arte como meio de conscientização ambiental e social. A par disso, Ana Oliveira, Hugo Bernardino Rodrigues, João Victor Silva Fernandes e Mariana de Araujo Reis Lima, em “Entre Muros e Mulheres: A Arte de Kika Carvalho e a identidade feminina,” analisam a obra da artista Kika Carvalho, que explora a identidade feminina em contextos urbanos. A pesquisa dialoga com a construção de novas narrativas de gênero e pertencimento nas paisagens contemporâneas, especialmente em um cenário onde as relações de poder e desigualdade de gênero são agravadas pelas mudanças climáticas e pelas dinâmicas do Antropoceno.

Como se tornou claro, propomos aqui derivas em torno da arte, dos seus espaços e hierarquias; nas relações entre a arte e a esfera pública; nas lógicas de espacialização e de territorialização das práticas culturais; nas instituições culturais e nas práticas artísticas na cultura contemporânea; nas conexões entre a sociologia, a antropologia e a arte contemporânea, entre outras; nas artes de rua, o graffiti, a cidade e as juventudes; as paisagens urbanas, artes e as cidades; nas curadorias, os engajamentos e as identidades artísticas; a crítica da arte; a diversidade cultural e artística; as identidades, as culturas, as diásporas e as nacionalidades; na arte e a globalização; a arte, a tecnologia e os (des) encantamentos do mundo; no filme documentário e narrativas etnográficas; nos objetos, as memórias, as heranças e as coleções; nas perspectivas sobre corpo, gênero e moda na contemporaneidade; nos quesitos de poéticas ampliadas e da música de resistência; no teatro, a criação, a linguagem e a contestação; na festivalização, os eventos e o cosmopolitismo da cultura contemporânea; nas manifestações artísticas underground e subversivas; nas publicações sobre a arte e vida social; na atuação das artes na inclusão social; nas relações entre dinâmicas culturais e o espaço público; nas externalidades, positivas e negativas, das atividades culturais; nas relações entre a atuação artística e as políticas culturais e o desenvolvimento dos territórios. Todos estes debates serão suportados pela matriz de relações poliédricas entre arte, a política e a natureza.

As artes como estruturas emancipatórias podem ser associadas ao Antropoceno, uma vez que ambas as perspectivas pretendem abordar as múltiplas crises associadas a arranjos sociais nocivos que cruzam a sociedade civil e a biosfera, ambos gerados por uma modernidade capitalista destrutiva. Mas o Antropoceno

tem também vindo a prefigurar-se como estrutura desigualitária indelével: O Antropoceno congrega o modelo normativo da humanidade, nomeadamente porque reitera e expande as desigualdades estruturantes entre sexo/género, racial/colonial, classes dominantes/dominadas e homem/espécies. Assim, este volume pretende desconstruir a narrativa hegemónica do Antropoceno, apresentando caminhos alternativos de reconstituição cidadã por via das artes (e ativismos) poliédricas (Guerra, 2022).

Para desafiar essa narrativa dominante e desigualitária, as artes emergem como um canal poderoso de desconstrução e reimaginação. As práticas artísticas têm a capacidade de expor as injustiças ocultas no discurso hegemônico e de questionar a estrutura do Antropoceno a partir de perspectivas plurais e diversas. Artistas contemporâneos têm-se apropriado do tema do Antropoceno para criticar a exploração capitalista, denunciar a destruição ambiental e destacar os impactos diferenciados sobre grupos vulneráveis. Práticas artísticas ecofeministas, decoloniais e ecológicas são exemplos de abordagens que visam reverter a homogeneização da experiência humana no Antropoceno, oferecendo visões alternativas e narrativas que respeitam a multiplicidade das existências humanas e não-humanas. A ideia de “artes (e ativismos) poliédricas” indica uma prática cultural e artística multifacetada e diversa, que reflete as complexas camadas da vida social e ambiental (Guerra, 2021). Este conceito é particularmente significativo, pois sugere que as práticas artísticas podem desempenhar um papel ativista e colaborativo, transformando as artes em agentes de mudança e emancipação social.

## Referências

- ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. **Revista USP**, n 103, pp. 13-24, 2014.
- BOUDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern. São Paulo: EDUSP, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GUERRA, Paula. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. **East European Journal of Society and Politics**, v. 9, n. 3, pp. 44-60, 2024.
- GUERRA, Paula. DIY, fanzines and ecofeminism in the Global South: ‘This city is my sister’. **DIY, Alternative Cultures & Society**, v. 1, n. 3, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/27538702231211062>
- GUERRA, Paula. Sul, Sertão e Flores: uma propedêutica necessária para compreender as manifestações artísticas contemporâneas do Sul Global. **Anos 90**, 29, pp. 1–15, 2022.
- GUERRA, Paula. Uma Lisboa só dele(s). Processos artivistas de recriação de paisagens sonoras contemporâneas. **PerCursos**, Florianópolis. Dossiê A vertigem

das artes no Sul global, v. 22, n. 50, pp. 15-42, 2021.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

LATOUR, Bruno. **Facing Gaia**: Eight Lectures on the New Climatic Regime. Cambridge: Polity Press, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MERCHANT, Carolyn. **The Death of Nature**: Women, Ecology, and the Scientific Revolution. San Francisco: Harper & Row, 1980.

SHIVA, Vandana. **Staying Alive**: Women, Ecology, and Development. London: Zed Books, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## Paula Guerra

Professora Associada de Sociologia na Universidade do Porto e Investigadora no Instituto de Sociologia da mesma Universidade. Paula é Professora Associada Adjunta do Griffith Centre for Social and Cultural Research da Griffith University na Austrália. É ainda investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) e do DINÂMIA'CET – Iscte, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território. É fundadora/coordenadora da Rede Todas as Artes: Rede Luso-Afro-Brasileira de Sociologia da Cultura e das Artes e da KISMIF ([kismifconference.com](http://kismifconference.com) e [kismifcommunity.com](http://kismifcommunity.com)). É presidente da International Association for the Study of Popular Music (IASPM) Portugal e vice-coordinator da Research Network de Sociologia da Arte da European Sociological Association. Paula é editora-chefe (com Andy Bennett) da revista da SAGE DIY, *Alternative Cultures and Society*.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2377-8045>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9747905616898171>